

As Ciências Humanas no Museu Paraense Emílio Goeldi: 128 Anos em Busca do Conhecimento Antropológico na Amazônia*

*Adélia Engrácia de Oliveira
Lourdes Gonçalves Furtado*

Desde sua criação, em 1866, a Sociedade Philomática (denominada Museu Paraense em 1870, Museu Goeldi em 1901 e Museu Paraense Emílio Goeldi após 1931) tem contribuído para ampliar os conhecimentos antropológico, arqueológico e lingüístico sobre a Amazônia.

Seu primeiro diretor, o naturalista Domingos Soares Ferreira Penna, conduziu investigações sobre a geografia, história e economia da região, mais especificamente sobre deslocamentos de população regional, estudou inscrições rupestres e fez escavações arqueológicas na ilha de Marajó, no Amapá, nos rios Tocantins e Madeira e no litoral do Pará, onde se interessou pelos sambaquis. Foi o primeiro a levantar a hipótese de que os aterros marajoaras eram artificiais, o que foi confirmado posteriormente por outros pesquisadores. Em companhia de Ladislau Neto, visitou grupos de índios Tembé, Amanajé e Turiuara. Viajou pelo rio Negro, região do Tapajós (Santarém) e Óbidos, registrando a cultura indígena existente na época e/ou a já extinta. Tinha um interesse histórico e geográfico pelas populações que estudava, detendo-se, muitas vezes, nas questões de conflito em que estas se envolviam.

Ferreira Penna também se preocupava com a proteção dos sítios arqueológicos da Amazônia. Em 1883, juntamente com Ladis-

lau Neto, conseguiu das autoridades imperiais e provinciais a aprovação de algumas medidas para evitar a depredação dos sítios regionais, especialmente os de Marajó.

Além do seu interesse pela antropologia e arqueologia, o naturalista fez incursões também no campo da lingüística. Em 1877, procurou o último índio remanescente dos Aruã, em Marajó, e conseguiu coletar 200 palavras de sua língua.

Emílio Goeldi, administrador do Museu Paraense de 1894 a 1907, era zoólogo mas foi grande incentivador dos estudos antropológicos e arqueológicos. Durante seu mandato, encontrando-se o Museu melhor estruturado, foi dado início, de fato, às pesquisas arqueológicas na região. Em 1895, juntamente com Aureliano Lima Guedes, Goeldi estudou as cavernas funerárias do rio Guamá, no atual território federal do Amapá. Guedes prosseguiu sozinho com os trabalhos no ano seguinte, nos sítios-cemitérios da ilha Pará (AP) nos rios Mazagão, Maracá e Anauera-pucú, resultando dessas pesquisas as primeiras e melhores coleções hoje existentes de Cunani e Maracá, como também as primeiras contribuições à arqueologia amazônica, publicadas pelo Museu Paraense. Autor de *O Estado Atual dos Conhecimentos sobre os Índios do Brasil, Especialmente na Amazônia*, Goeldi destacou-se também pela consti-

* Grande parte das informações aqui apresentadas foram transmitidas a Adélia Engrácia de Oliveira por Eduardo Galvão, Expedito Arnaud, Mário Simões e Oswaldo Cunha.

tuição, mediante doações e aquisições do acervo etnográfico e arqueológico da instituição.

Sabe-se que ele conferia apoio institucional em troca de coleções. Este é o caso, por exemplo, da coleção de 502 peças doada ao Museu Paraense por Theodor Koch-Grünberg — pesquisador alemão que viajou pelo noroeste da Amazônia entre 1903 e 1905, a serviço do Museu Etnográfico de Berlim, constituindo um riquíssimo acervo sobre os povos indígenas do alto rio Negro — em retribuição ao apoio recebido por parte de Emílio Goeldi. São peças bastante significativas, pois representam uma área de intensas relações interétnicas. Procedente de 19 grupos e subgrupos, a coleção é formada por: trocans, flautas de osso, buzinas de argila e outros instrumentos musicais, armas de caça, pesca e guerra, depósitos de curare, máscaras de dança, escudo cerimonial, enfeites de cabeça e corporais, brinquedos, cerâmicas, cestaria e açoite para a dança Jurupari.

No início do século, a zoóloga Emília Sneathage, que também foi diretora da instituição, viajou pelos rios Xingu e Tapajós coletando dados etnográficos e lingüísticos sobre os Xipaya e os Kuruaya. Cabe destacar ainda Rodolpho R. Schuller, que trabalhou no Museu Goeldi de 1909 a 1911, autor de importantes trabalhos sobre índios da Amazônia e organizador da *Bibliografia Amazônica*.

Paradoxalmente, quando, entre 1915 e 1921, por falta de recursos financeiros, o Museu Goeldi principiava a entrar em decadência, a etnologia na Amazônia brasileira começou a traçar seu caminho e a se projetar com os trabalhos de Curt Nimuendajú sobre os grupos indígenas da região, realizados em colaboração com o Museu. Nimuendajú deu novos rumos à pesquisa etnológica por sua maior permanência no campo e a insistência no uso da língua nativa como instrumento de comunicação. Após esse período, o pesquisador retornou à instituição em 1940, onde chefiou, até sua morte, em 1945, a então “Secção Etnográfica”, além de ministrar, entre 1942 e 1943, três cursos de etnologia. Autor de vários trabalhos sobre os

Apinayé, Tukuna, índios do alto rio Negro, Juruna, Parintintim, Maué, Mura e vários outros grupos tribais da Amazônia, Nimuendajú elaborou um mapa etno-histórico mostrando a localização e a migração dos grupos indígenas do Brasil, escreveu um texto sobre os extintos índios Tapajó, mostrando possíveis correlações de sua cerâmica com complexos arqueológicos centro-americanos, e deixou dados lingüísticos de vários grupos tribais da Amazônia. Deve-se a ele também a reorganização das coleções de etnografia e arqueologia do Museu, à qual acrescentou novas peças coletadas em suas excursões, bem como a sua primeira catalogação.

Em 1948-1949, com o apoio do Museu, Clifford Evans e Betty J. Meggers, da Smithsonian Institution, estabeleceram a primeira seqüência de desenvolvimento cultural da foz do Amazonas, mediante a análise de milhares de fragmentos de cerâmica escavados no Amapá e nas ilhas de Marajó, Mexiana e Caviana. Com essa nova abordagem de pesquisa arqueológica, até então inédita no Brasil, encerrar-se-ia a etapa especulativo-descritiva dos primeiros anos da arqueologia amazônica.

Com a mesma abordagem metodológica, Peter P. Hilbert, etnólogo do Museu Goeldi e participante dos trabalhos de campo dos Evans e Meggers em Marajó, retomou em 1949 as atividades arqueológicas da instituição, em recesso desde final do século XIX, fazendo escavações nos aterros de Marajó (1950-51), nas terras pretas dos rios Nhamundá-Trombetas (1952) e nos sítios-cemitérios do baixo rio Cassiporé (1953).

Armando Bordalo da Silva, antropólogo do Museu e diretor da instituição de 1951 a 1954, dedicou-se a estudos de antropologia física, de alimentação e de folclore na zona Bragantina, preocupando-se também com a relação homem/meio ambiente.

Em dezembro de 1954 foi firmado um convênio entre o então Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e o governo do Estado do Pará pelo qual o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) assumia a direção administrativa e científica do Museu

Paraense Emílio Goeldi, que passou a contar com maiores possibilidades de recursos financeiros para atuar na região.

Em 1995, Eduardo Galvão, interessado no estudo de índios e caboclos da Amazônia, assumiu a chefia da Divisão de Antropologia do Museu, e sob sua coordenação as pesquisas antropológicas, arqueológicas e lingüísticas tomaram novo impulso. Além de manter a continuidade e a regularidade das investigações antropológicas na região, Galvão, auxiliado por Peter Hilbert, reorganizou, retonbou, classificou e descreveu de forma sistemática as antigas coleções, recuperando-as e acrescentando outras.

Para realizar pesquisa arqueológica e de etnologia indígena, Galvão atraiu para o Museu o franciscano Protásio Friel, com larga experiência em trabalho de campo na área do Tumucumaque, Carlos Moreira Neto, Klaas Woortmann, Roberto Las Casas e Mário Ferreira Simões. Mais tarde, Conceição Gentil Corrêa e Ruth Wallace. Com este grupo, interagiu com outros pesquisadores com atuação na Amazônia ligados ao Museu Paulista, à USP, ao Museu Nacional e ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI), proporcionando a técnicos do SPI e do próprio Museu Goeldi, como Expedito Arnaud e Edson Diniz, apoio e incentivo para seguir a carreira de pesquisador.

Em 1967 e 1969 o Museu contratou seis jovens recém-formados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará: Isolda Maciel da Silveira, Lourdes Gonçalves Furtado, Roberto Cortez, Isidoro Alves, Pedro Salles e Ana Lúcia Machado. Adélia Engrácia de Oliveira veio para a instituição em 1968, Lúcia H. van Velthem em 1973, Maria Helena Barata em 1975, Fernanda Araújo Costa e Antonio Maria de S. Santos em 1976 e Antonio Carlos Magalhães em 1979. Consolidava-se, assim, um grupo dedicado a estudos antropológicos na região amazônica. Este grupo cresceu e diversificou-se, com a absorção de novos bolsistas e/ou pesquisadores como Vera Guapindaia (1980); Edithe Pereira (1982); Marcos Pereira Magalhães, Maura

Imázio da Silveira, Fernando Tavares Marques e Maria Cândida D. M. Barros (1983); Priscila Faulhaber, Alcía Coirolo e Sônia Magalhães (1984); Rodrigo Peixoto e Denny Moore (1987), Scott D. Anderson e Roberto Araújo Santos Jr. (1988) e outros que foram integrados mais recentemente. Em 1981 vieram Pierre e Françoise Grenand, pesquisadores do ORSTOM e CNRS, respectivamente. A partir de 1984, pesquisadores do Convênio CNPq/ORSTOM como Philippe Léna, Dominique Buchillet, Bruce Albert, Christian Geffray, Jacky Picard, Anne Leborgne, Francisco Queixalós e Odile Lescure passaram a desenvolver pesquisas em conjunto com pesquisadores e bolsistas do Departamento de Ciências Humanas (DCH) do Museu, criado em 1982, colaborando para a formação de pessoal e a consolidação científica desse departamento.

Embora a pesquisa antropológica no Museu Goeldi tenha tradicionalmente se voltado para o estudo das populações indígenas, com a vinda de Eduardo Galvão as populações urbanas e as regionais, nos mais diversos segmentos sociais, também passaram a ser abordadas. Em 1968, ele e Oracy Nogueira, da USP, organizaram e ministraram um curso de pesquisa social, com o apoio financeiro do CNPq e da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), que resultou na abertura da área de Antropologia para outras abordagens, especialmente o meio rural e as comunidades da orla marítima do Pará, da ilha do Marajó e do médio e baixo Amazonas, produzindo-se, assim, um considerável acervo de conhecimentos sobre populações de agricultores, coletores e pescadores.

Desenvolveram-se, ainda, estudos que enfocam a relação índio/sociedade nacional e, mais recentemente, aqueles sobre o impacto dos grandes projetos sobre a população local, em particular caboclos e migrantes, e sobre a família em áreas urbanas.

A pesquisa arqueológica no Museu intensificou-se principalmente após a contratação de Mário Ferreira Simões, em 1962. A ele devemos a estruturação da área de Ar-

queologia da instituição, com instalações físicas e equipamentos da melhor qualidade, proporcionando melhores condições para a pesquisa e acondicionamento do acervo arqueológico, antes depositado em lugares inadequados. Desde então, tiveram início vários projetos de pesquisa, basicamente voltados para a arqueologia pré-histórica. Nesta linha destacam-se dois grandes programas, o Pronapa e o Pronapaba (convênios com a Smithsonian Institution), ambos sob a coordenação de Mário Ferreira Simões. Embora projetos de salvamento arqueológico tenham sido desenvolvidos anteriormente, foi somente na década de 80 que essa estratégia de pesquisa passou a ser vista como prioritária, em face da ameaça de destruição total ou parcial do patrimônio arqueológico pelo acelerado processo de desenvolvimento tecnológico e urbanístico que se intensificou na região. Atualmente a área de Arqueologia do Museu tem-se dedicado também a estudos etno-arqueológicos e de arqueologia histórica.

As pesquisas lingüísticas no Museu inicialmente tiveram uma face naturalista, preocupando-se, basicamente, com a origem das línguas (da mesma maneira que a biologia humana de início buscou responder acerca da origem do homem). Os poucos trabalhos que poderiam ser chamados de especificamente lingüísticos foram realizados de modo aleatório e não por especialistas, embora contribuições como a de Curt Nimuendajú devam ser destacadas.

Com a reformulação do Museu em 1954-1955, passaram por esta instituição alguns lingüistas que, embora não tenham chegado a fazer parte de seu quadro permanente de pesquisadores, deram uma outra dimensão aos estudos nessa área, fazendo uso de metodologias científicas. Apesar dos esforços empreendidos, esses pesquisadores não conseguiram, contudo, formar especialistas locais, e em 1970 o Museu Goeldi deixou de ter uma área de Lingüística, por falta de pessoal qualificado. Os estudos foram reativados por volta de 1982-1983, mas é a partir de 1987, com a admissão do lingüista Denny Moore, com ampla experiência de

campo na Amazônia, que a área experimenta um desenvolvimento mais acelerado. O estágio é reativado, com foco na pesquisa de campo e no preparo para a pós-graduação, e várias medidas estruturais são tomadas para a consolidação da área.

Ao longo de sua existência, principalmente a partir da gestão de Emílio Goeldi, o Museu organizou uma reserva técnica de etnografia que já conta com mais de 15 mil peças e outra de arqueologia que inclui, atualmente, um acervo de cerca de 3 mil itens tombados. Estas peças integram as coleções científicas das áreas de Antropologia e Arqueologia e estão abrigadas, respectivamente, nas Reservas Técnicas "Curt Nimuendajú" e "Mário Ferreira Simões". Tais reservas, constituídas a partir do trabalho de campo dos pesquisadores, de doações ou de aquisições, são uma fonte valiosa de pesquisa científica sobre a cultura dos povos ali representados.

A Reserva Técnica "Curt Nimuendajú" abriga um dos mais importantes acervos de peças indígenas da Amazônia brasileira do mundo, além de artefatos caboclos regionais, objetos africanos e de outros povos sul-americanos (Jívaro, Kunibo, Kampa e Saramacá). As coleções de grupos indígenas sobressaem-se em número. Entre elas destacam-se as de Lauro Sodré (1897 — índios Juruna e Tapayúna), Henri Coudreau (1898 — índios Parintintim), Koch-Grünberg (já mencionada), e a de frei Gil de Vilanova, composta de 685 peças de procedência Kayapó (rio Araguaia, próximo ao arraial de Conceição do Araguaia). Esta é a maior coleção etnográfica do Museu Goeldi, rica sobretudo em armas mas incluindo braceletes, enfeites diversos de penas, cintos de algodão e buriti, tipóias de buriti, buzinas de cabaça e colares variados. Possui um valor histórico e etnográfico muito grande pois que é o testemunho da vida material de um grupo indígena aniquilado pela ação conjunta dos missionários e das frentes de expansão da sociedade nacional. Além da coleção já mencionada de Koch-Grünberg e as de Curt Nimuendajú, sobretudo as referentes aos Aparai, Canelas Orientais, Maxakari e Tukuna, existem cole-

ções recentes bastante significativas, como as de Protásio Friel sobre os índios Munduruku e Tiryó, as de Eduardo Galvão sobre os índios do Xingu e as de Lúcia van Velthem sobre os índios Wayana-Apalai.

As coleções indígenas estão ordenadas de acordo com a classificação de áreas culturais indígenas da Amazônia Brasileira proposta por Eduardo Galvão (Norte-Amazônica, Juruá-Purus, Guaporé, Tapajós-Madeira, Xingu, Tocantins-Xingu, Pindaré-Gurupi, Paraná e Nordeste). Armas, cerâmicas, bancos, remos e alguns adornos plumários estão dispostos por categoria, à exceção das numerosas flechas, que foram separadas de acordo com o grupo indígena de origem.

Em 1933, o interventor federal do Estado do Pará, Magalhães Barata, doou ao Museu Goeldi uma coleção africana que lhe havia sido ofertada pelo coronel José Júlio de Andrade, que a adquirira no início do século de um particular na Ilha da Madeira. Com 490 peças, a coleção inclui artefatos de caça e pesca, armas diversas, esculturas em madeiras, objetos religiosos e cerimoniais, instrumentos musicais, tecelagem, cestaria e outros que foram estudados em 1989 por Napoleão Figueiredo e Ivelise Rodrigues.

A Reserva Técnica "Mário Ferreira Simões" abriga coleções de áreas variadas da Amazônia, constituindo um dos patrimônios arqueológicos mais valiosos do mundo referentes a esta região. Entre elas destacam-se: (a) Coleção "Frederico Barata", adquirida pelo Museu em 1954, composta de 407 peças inteiras e fraturadas, além de 2.113 fragmentos, procedentes da região de Santarém (PA). As peças mais comuns são os vasos de gargalo e de cariátides, as estatuetas, os cachimbos e os muiraquitãs, que fazem parte da chamada Cultura Santarém; (b) Coleção "Aureliano Guedes", composta por 61 peças inteiras e fraturadas (na maioria, urnas funerárias) da fase arqueológica Maracá coletadas por Aureliano Lima Guedes quando da sua pesquisa na região dos rios Maracá e Anauerapucú, no Amapá, em 1896; (c) Coleção "Emílio Goeldi & Aureliano Guedes", formada por 17 urnas funerárias da fase

Aristé, encontradas por Emílio Goeldi e Aureliano Lima Guedes durante suas pesquisas na região do rio Cunani e Monte Curu, no Amapá, em 1895. É a única coleção do gênero existente em museus do mundo, e de inestimável valor histórico para o Museu Goeldi; e (d) Coleção "Governo do Estado", adquirida pelo Governo do Estado do Pará e depositada no Museu sob regime de comodato. Compreende 495 peças inteiras e fraturadas, (incluindo urnas funerárias, vasos diversos, estatuetas, pratos, tangas, lâminas-de-machado e outras), além de centenas de fragmentos, procedentes da ilha de Marajó e pertencentes à fase Marajoara, fase que identifica as populações de maior complexidade cultural da pré-história amazônica.

Recentemente, a área de Linguística do Museu iniciou um arquivo de fitas de documentação de línguas indígenas, já tendo sido arquivadas 50 línguas de regiões variadas do país, com enfoque principalmente na Amazônia. A maioria dessas fitas foi gravada em som *stereo* de alta fidelidade, com sistema *Dolby* de exclusão de ruído. Algumas línguas foram registradas em até dez horas de gravação; outras, em alguns minutos.

O Departamento de Ciências Humanas (DCH) do Museu Paraense Emílio Goeldi, integrando as áreas de Antropologia Social, Arqueologia e Linguística Indígena, foi chefiado desde sua criação, em 1982, até 1988 por Adélia Engrácia de Oliveira; de 1988 a 1992 por Lourdes Gonçalves Furtado; novamente por Adélia de Oliveira de 1992 até maio de 1995 e, desde então, por Maria Angela D'Incal.

Atualmente o DCH conta em seu quadro funcional com dez doutores e 15 mestres, dos quais seis são doutorandos (dois em fase de defesa de tese), além de seis técnicos de nível superior e 11 de nível médio. Os projetos de pesquisa em execução enquadram-se nas seguintes linhas:

1. *Formação Pluricultural da Amazônia Pré-Histórica: O seu Conhecimento, a sua Identidade e o Meio Ambiente*
 - Povoamento pré-histórico e etno-histórico da microrregião do Tapajós e sua rela-

ção com o ambiente (Coord.: Alcía Durán Coirolo).

– Registros rupestres do noroeste do Pará (Cooperação com a Companhia Vale do Rio Doce) (Coord.: Edithe da Silva Pereira).

– Prospecção arqueológica em Carajás. 2.^a etapa (Coord.: Marcos Pereira Magalhães).

– Estratégias de subsistência de grupos caçadores-coletores pré-cerâmico do sítio Gruta do Gavião (PA) (Coord.: Maura Imázio da Silveira).

2. *Relações Interétnicas e Mudanças Culturais*

– Pukob'Gateyê e Tenetehara: O encontro no espaço urbano (Coord.: Maria Helena Barata).

– Desigualdade e diferença (Coord.: Roberto Cortez).

3. *Efeitos Sócio-Ambientais das Políticas Públicas e Movimentos Espontâneos de Ocupação*

– Conseqüências sociais de grandes projetos hidrelétricos na Amazônia (Coord.: Sônia Barbosa Magalhães).

4. *Fronteira: Estrutura Fundiária, Relações Sociais e Dinâmica do Uso de Recursos Naturais*

– Expansão da fronteira demográfica e econômica na Amazônia: Dinâmica das mudanças sociais e transformação dos sistemas de produção (Convênio CNPq/ORSTOM) (Coord.: Adélia Engrácia de Oliveira e Philippe Lena).¹

– Etnografia dos conflitos na região do baixo Amazonas: O caso do lago grande Monte Alegre (Cooperação com o Iama/Projeto Iara) (Coord.: Lourdes Furtado e Bernd Mittlewski).

5. *Análise e Descrição das Línguas Amazônicas e o Estudo das suas Relações com a Pré-História, a Cultura e o Ambiente Natural*

– Pesquisas de línguas indígenas e consolidação do Programa de Pesquisa de Línguas Amazônicas (Fonte: Finep) (Coord.: Denny Moore).

– Alfabetização em línguas amazônicas (Fonte: Fundação Norueguesa para a Floresta Tropical) (Coord.: Denny Moore).

– Línguas Tupi de Rondônia, Brasil (Fonte: Fundação Wenner-Gren) (Coord.: Denny Moore).

– Descrição das línguas Karib do norte do Brasil (Fonte: Fundação Nacional para a Ciência dos EUA) (Coord.: Spike Gildea).

– Documentação, análise e descrição da língua Koaiá (Fonte: Governo da Holanda) (Coord.: Hein van der Voort).

– Pesquisa de línguas indígenas, educação indígena e desenvolvimento da área de Linguística do Museu Goeldi (Convênio: CNPq/ORSTOM) (Coord.: Francisco Queixalós e Denny Moore).

– História da linguística indígena (Fonte: Tesouro Nacional) (Coord.: Maria Cândida D.M. Barros).

6. *Usos e Representações Tradicionais do Espaço/Tempo na Amazônia e a sua Dinâmica Sócio-Ambiental*

– A microrregião do Oiapoque: Estudo etno-arqueológico das culturas do rio Cunani (Coord.: Alcía Durán Coirolo).

– Arqueologia da indústria canavieira na Amazônia tradicional (Fonte: Fundação Fórd) (Coord.: Fernando T. Marques e Scott Anderson).

– Recursos naturais e antropologia das sociedades marítimas, ribeirinhas e lacustres: Estudo das relações entre o homem e seu meio ambiente (Fontes: FNMA e CRDI (Canadá)) (Coord.: Lourdes G. Furtado).²

– O mundo encantado e maravilhoso de índios e caboclos da Amazônia (Coord.: Adélia Engrácia de Oliveira).

– Os Parakanã — Um estudo sobre a nação de pessoa (Coord.: Antônio Carlos Magalhães L. dos Santos).

– Os índios Werekena do rio Xié e a extração da piaçava (Coord.: Márcio A.F. de Meira).

– Estratégias adaptativas de populações pré-históricas e atuais na Estação Científica Ferreira Penna e adjacências (Coord.: Lourdes Furtado, Isolda Silveira e Daniel Lopes).

– Revitalização da Cidade Velha — Subprojeto: Igreja do Rosário dos Homens Brancos — Praça do Carmo (Belém — PA) (Coord.: Marcos Pereira Magalhães e Vera Lúcia C. Guapindaia).

7. *Sistemas Cognitivos: Medicinas e Tecnologias Tradicionais*

– Índios Wayana Apalai: Arte e sociedade (Coord.: Lúcia H. van Velthem).

– Medicina tradicional e medicina ocidental: A antropologia da saúde na Amazônia (Coord.: Antonio Maria Santos).

– Relação saúde e doença entre índios e caboclos: Uma investigação etno-histórica em Barcelos (AM) (Coord.: Denize Adrião).

– Arqueologia da técnica na Amazônia tradicional (Coord.: Scott Anderson e Fernando Marques).

– Arqueologia da arquitetura histórica da Amazônia (Coord.: Fernando Marques e Scott Anderson).

– Arqueologia histórica da Amazônia tradicional (Coord.: Fernando Marques e Scott Anderson).

e etnografia da ciência na perspectiva de um saber sobre e na Amazônia (1866-1955) (Coord.: Angela Bertho).

As Reservas Técnicas, já mencionadas, possuem projetos específicos de estruturação e de documentação das coleções.

Com o apoio financeiro recebido de instituições nacionais — CNPq, Finep, Capes, Funai, FNMA, Ibama, Cia Vale do Rio Doce e UEPA — e internacionais — Fundação Ford (EUA), CDRI (Canadá), Cultural Survival, ORSTOM (França), CNRS (França), Wenner-Gren (EUA), Fundação Norueguesa para a Floresta Tropical, National Science Foundation (EUA) e Governo da Holanda — o DCH pode manter um corpo qualificado de pesquisadores e instalações físicas adequadas, além de dispor de uma biblioteca especializada e com obras raras que remontam ao século XVI.

8. *História das Instituições Científicas e Trajetórias Intelectuais*

– Museu Emílio Goeldi — Historiografia

(Recebido para publicação em outubro de 1994)

Notas

1. Priscila F. Barbosa, Roberto Araújo Santos, Rodrigo Peixoto, Christian Geffray, Anne Leborgne, Jacky Picard, Adélia Oliveira e Philippe Léna possuem subprojetos vinculados a este projeto.
2. Conceição Corrêa, Daniel Lopes, Maria Ivete Nascimento, Lourdes Furtado, Edma Moreira, Rosilan Rocha, Maria Cristina Manesky, César Augusto da Costa, Danielle Viana, Maria de Nazaré Bastos e Cristina Senna possuem subprojetos vinculados a este projeto.

Bibliografia

Arnaud, Expedito

1981 “Os Estudos de Antropologia no Museu Goeldi”. *Suplemento Acta-Amazonica*, Manaus, n.º 111, pp. 137-48.

Oliveira, Adélia Engrácia de

1983 “As Pesquisas Antropológicas na Amazônia Brasileira e o Papel do Museu Goeldi (Belém-PA)”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 35(6), pp. 748-62.

Oliveira, Adélia Engrácia de e Furtado, Lourdes Gonçalves

1991 “O Museu Emílio Goeldi: 125 Anos de Pesquisa Antropológica na Amazônia”. *O Liberal*, Belém, 30/05/91, p. 6.

Oliveira, Adélia Engrácia de e Van Velthem, Lúcia H.

1991 “As Coleções Etnográficas do Museu Goeldi: 125 Anos de sua História”. *O Liberal*, Belém, 6 e 7/10/91.